

A prisão de Fuminho e os possíveis efeitos sobre as dinâmicas do PCC

Do ponto de vista econômico, há pouco impacto nos negócios do tráfico. Mas pode haver uma alteração no núcleo de poder que há décadas concentra os processos decisórios do grupo

Camila Nunes Dias
21 de abril 2020

DIVULGAÇÃO/MJSP



O traficante Fuminho estava foragido havia mais de 20 anos e foi preso em Moçambique

No último dia 13 de abril, a prisão de Gilberto Aparecido dos Santos, conhecido como Fuminho, foi amplamente noticiada na imprensa brasileira. Fuminho estava foragido desde o final dos longínquos anos 90, quando fugiu da agora extinta Casa de Detenção de São Paulo. Apenas em fevereiro de 2018 ficaria mais conhecido publicamente após seu nome ser atrelado à execução dos principais nomes do Primeiro Comando da Capital (PCC) em liberdade, conhecidos como Gegê do Manguê e Paka. De início, ninguém parecia saber o que realmente poderia ter acontecido. Ou melhor, quase ninguém. Algumas pistas começariam a aparecer alguns dias depois, a quase 3.000 km de distância do local do crime, na Penitenciária II de Presidente Venceslau, região oeste do Estado de São Paulo, onde cumpria pena a cúpula do PCC.

O imbróglio envolvendo essas mortes estendeu-se por meses. Na sequência houve uma série de outros assassinatos, supostamente, dos executores de Gegê e Paka. Dentro das prisões controladas pelo PCC, primeiro decretou-se o luto pelas mortes de seus integrantes em liberdade. Depois, quando surgiram as informações de que o próprio PCC tinha decretado sua morte em decorrência de traição e desvio de dinheiro, o luto se transformou em comemoração. Contudo, se os homicídios haviam sido decididos pelo “PCC”, alguma coisa havia saído dos trilhos. O PCC impõe um rígido controle sobre os homicídios e uma decisão para executar dois importantes líderes só poderia ocorrer através de um “debate” da cúpula da facção, em que não houvesse dúvidas quanto ao caráter justo e correto, o que implicaria na apresentação de provas das acusações imputadas aos dois decretados. Não parece ter sido o que ocorreu.

De acordo com as poucas informações que se tem, Fuminho teria sido um dos executores das mortes de Gegê e Paka, ao lado de outros integrantes da facção paulista, a maioria dos quais atuava na região do Porto de Santos. No lapso de tempo que envolveu a notícia da morte da dupla, o repúdio do PCC e a posterior justificativa do próprio PCC para o duplo homicídio, foram assassinados vários dos executores que atuavam no porto.

Pressionado e questionado sobre o ocorrido, em meio a um banho de sangue que prometia se espalhar feito rastilho de pólvora no seio da maior organização criminal do país, no início de abril de 2018, Fuminho manda um “salve” assegurando que houvera o “aval”- autorização da cúpula do PCC – para os assassinatos e estaria disposto a comprovar. O salve termina contundente: *“Meu decreto [ordem para matá-lo] tem que ser anulado, e se a ordem do GG e do Paka era errada ou falsa, o decreto tem que ser em cima de quem passou a ordem irmão. É esse o papo”*.

O decreto do Fuminho realmente parece ter sido anulado, contudo, em situações que ainda não foram de todo explicitadas. De 2018 para cá parece ter se colocado panos quentes sobre essa situação. Foragido do Brasil há muito tempo, Fuminho parece ter estabelecido suas bases na Bolívia e, de lá, construído uma sólida rede de proteção e de acesso à pasta base de cocaína. De acordo com autoridades, ele era um dos principais fornecedores de cocaína para o PCC. A partir de meados de 2018 passou a estar novamente nas manchetes de jornais em decorrência de uma acusação feita por autoridades públicas brasileiras: seria responsável pelo financiamento, pela organização, logística e pela execução de um ousado plano de resgate de membros da cúpula do PCC, especialmente, de Marcola.

Neste sentido, é importante considerar a relação antiga que Fuminho tem com Marcola, há muitos anos considerado o principal nome da facção paulista. A relação entre os dois tem como base vínculos pessoais de lealdade e que, ao longo do tempo, se constituiu como base das relações econômicas que Fuminho estabeleceu com o PCC - se tornando um de seus principais fornecedores – e dos compromissos que assumiu junto à facção – como, por exemplo, a execução do duplo homicídio de Gegê e Paka e o plano de resgate de Marcola.

Um equívoco que é sistematicamente cometido nas informações que circulam sobre o caso é dizer que o Fuminho era um “líder do PCC”. Ele sequer é batizado no PCC. Apesar das décadas de parceria e de “correr junto” com o PCC através da construção de um canal de fornecimento de cocaína estável e de estar disposto a assumir empreitadas arriscadas, como as que já mencionamos, Fuminho é um “companheiro leal” do PCC – como, aliás, ele próprio se define no salve de 2018 anteriormente citado.

A filiação ao PCC, no processo de batismo, transforma companheiros em irmãos, e conforma seus contornos organizacionais e suas dinâmicas e processos decisórios. Contudo, isso não significa que as relações estabelecidas se encerrem no vínculo produzido através do batismo. Ao contrário. O vínculo através do batismo implica compromissos econômicos e profissionais que não necessariamente um empresário bem sucedido, como parece ser o caso de Fuminho, tem interesse em criar – a não ser que ele seja preso e, então, as pressões e as demandas próprias do sistema prisional muitas vezes produzem a necessidade ou a conveniência do batismo. Mas, não era o caso do Fuminho que fugiu da prisão num momento em que o PCC ainda dava os primeiros passos no sistema carcerário.

Dado esse contexto, qual o efeito que a prisão de Fuminho em Moçambique e sua rápida chegada ao Brasil, em 19/04, pode produzir?

Do ponto de vista econômico, certo é que a sua prisão produzirá prejuízos para a sua própria rede de negócios, a depender da capacidade e da confiança devida ao seu eventual “herdeiro”. As redes criminais contam com a possibilidade de prisão de maneira muito clara, de forma que, ao menos as redes mais sólidas, precisam sempre contar com um substituto para assumir a frente dos negócios. Neste sentido, difícil acreditar que haverá interrupção de suprimento de cocaína, seja no âmbito da própria rede do Fuminho, seja para o PCC. No caso do PCC, embora o Fuminho fosse um importante fornecedor, nem de longe ele era o único. Fuminho tinha seus negócios próprios, sem exclusividade com o PCC, da mesma forma que também o PCC nunca comprou exclusivamente dele. Assim, improvável que sua prisão tenha impacto significativo no fluxo de drogas para o grupo paulista. Por

outro lado, vale lembrar que a relação de lealdade e confiança com Marcola era a base principal da relação entre Fuminho e o PCC. Neste sentido, sua prisão pode ter impacto significativo nos eventuais planos e compromissos pessoais assumidos, como o plano de fuga mencionado.

Finalmente, importante aqui situar um ponto em que pode haver uma intersecção entre o vínculo econômico que liga Fuminho ao PCC e os vínculos pessoais de lealdade e confiança que o vincula ao episódio ainda controverso, da morte de Gegê e Paka. Em maio de 2017, Gegê e Paka comunicaram às lideranças do PCC a respeito do progresso realizado na criação de um canal de exportação de cocaína para a Europa (chamada de “tomate”), próprio do PCC – ou seja, da facção e não de seus membros ou dos companheiros - através do Porto de Santos. Na mensagem, fica clara a importância do esquema que tentavam criar: *“acreditamos que esse progresso a (sic) anos estamos lutando para que a família se envolvesse, e graças a Deus hoje isso está se tornando uma realidade”*. Ao mesmo tempo, lembramos que a morte da dupla teria sido arquitetada pelo mesmo grupo que atuava no Porto de Santos, mesmo local em que Fuminho já mantinha um importante canal pessoal de exportação de cocaína para a Europa.

O funcionamento do PCC como uma ampla rede criminal azeitada por lealdades, disciplina e compromisso com a “ética do crime” se apoia numa articulação frágil entre o econômico e o ideológico para legitimar sua atuação nas “quebradas” e nas “prisões”. Essa é o ponto central da força do PCC no mercado de drogas. O caso envolvendo Fuminho, Gegê, Paka e Marcola ainda lança sombras sobre a base fundamental que estrutura e legitima a dinâmica de sua atuação. A situação parece ter sido momentaneamente contornada, mas não sem deixar cicatrizes e trincar o vidro que sustentava a confiança na cúpula do PCC. Resta saber se o retorno de Fuminho às prisões brasileiras poderá espatifar de vez um vidro cuja blindagem já vinha sendo minada e, neste sentido, impulsionar de uma vez por todas, uma importante transformação no núcleo de poder que há décadas concentra os processos decisórios do PCC.

Camila Nunes Dias

Professora adjunta da Universidade Federal do ABC (UFABC) e conselheira do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

[https://backup.forumseguranca.org.br/multiplas-vozes/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjuh-hi3nj-iyxsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q - 7as9i-47nyy-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm](https://backup.forumseguranca.org.br/multiplas-vozes/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjuh-hi3nj-iyxsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q-7as9i-47nyy-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm)

